

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO DESNUDO NA HISTÓRIA DA ARTE

CRISTIANE RODRIGUES RIVERO¹;
PROF. DR. CARLOS ALBERTO ÁVILA SANTOS³

¹Universidade Federal de Pelotas – cris_rivero@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – betosant@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa elaborada como requisito para conclusão do Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, aborda reflexões sobre a leitura de imagens que representam ou registram o corpo desnudo em períodos distintos da História da Arte.

Para tanto, foram selecionadas criações em Artes Visuais, cujo mote principal foi a representação do corpo sem roupas, ou ainda, do uso do corpo nu como suporte/agente de manifestações/ações artísticas. As obras selecionadas revelam aspectos inerentes às culturas ou períodos nos quais foram produzidas: materiais, técnicas e características formais.

Diante das possibilidades encontradas durante a pesquisa bibliográfica – somadas à observação de vídeos-arte, à análise de áudios e entrevistas, à visita de diferentes museus *on-line* – foram eleitas 57 imagens de obras realizadas, desde a Antiguidade à Arte Contemporânea.

2. METODOLOGIA

A pesquisa oferecida, *Considerações sobre o corpo desnudo na História da Arte*, fundamenta-se nos métodos de leitura – iconográfica/iconológica, formalista e, evolucionista – desenvolvidas pelo alemão Erwin Panofsky, pelo suíço Heinrich Wölfflin e pelo francês Henri Focillon, respectivamente. As três metodologias correspondem, segundo Didi-Huberman (2013, pp. 161 e 162): “a um conceito do qual a obra mesma poderia se deduzir, [...] como ‘princípios fundamentais que subtendem a escolha e a apresentação’ da obra, considerada enquanto fenômeno expressivo”, a fim de refletir sobre a exposição do corpo despido.

A diversidade na produção de obras relacionadas à imagem do corpo nu foi pesquisada em bibliografia especializada da área da História da Arte. A investigação deu-se também por meio de registros audiovisuais disponibilizados na internet. As visitas a variados museus *on-line* garantiram o acesso às informações advindas de curadorias realizadas, muitas vezes, pelas próprias instituições.

O estudo também se apoiou, especialmente, nos ensaios e descobertas do filósofo italiano Giorgio Agamben, nas publicações de Viviane Matesco, nas obras de historiadores como Ernst Gombrich, Giulio Carlo Argan e Renato De Fusco, escolhas determinantes para a construção da base teórica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As obras apresentadas no desenvolvimento desse estudo – desde a Antiguidade à Arte Contemporânea – revelam características formais, como também materiais e técnicas peculiares às conjunturas em que foram produzidas.

Em cada período da história da arte ocidental, o nu masculino ou feminino se materializou em esculturas, pinturas e em outras formas de manifestações artísticas próprias da Modernidade e da Pós-Modernidade. Nas quais os corpos desnudos dos personagens retratados/utilizados se apresentam em variadas posturas e ações. Em algumas, transformados em pinceis/carimbos, como na Antropometria em azul (Figura 1), de Yves Klein.

Figura 1: Antropometria em azul. Yves Klein, 1960. Performance, Galeria Internacional de Arte Contemporânea, Paris, França.



Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/yves-klein-performance-anthropometries-of-the-blue-epoque>, acesso em: 06 de setembro de 2017.

Os corpos/modelos – em pé ou deitados, estáticos ou em movimento, por inteiro ou fragmentados – no decorrer do tempo repetiram ou subverteram os cânones clássicos greco-romanos. Em muitas obras, por puritanismo dos artistas ou da cultura de cada época, os sexos das representações foram sugeridos, mas não mostrados. Velados pelas posturas das mãos das diferentes Vênus e das suas variantes, ou por outros artifícios, como as folhas de parreira do Laocoon e seus filhos. Em outras, por preconceito foram escondidos por pinturas realizadas posteriormente as gênesis das pinturas, como as folhagens da Expulsão do jardim do Éden, de Tommaso Masaccio. E, em outras, ainda, os órgãos sexuais foram estampados de maneira “despudorada” aos olhares dos contempladores, como na Origem do mudo, de Gustave Courbet, ou em Vontade de poder, de Jean Dubuffet.

Em produções mais recentes, o corpo nu tornou-se o objeto das ações projetadas, nas performances de Marina Abramovic ou nas instalações/performances de Spencer Tunick. Em muitos dos exemplos selecionados para o trabalho elaborado e resultante da pesquisa praticada, à nudez dos corpos somaram-se diferentes símbolos: atributos das divindades mitológicas; fetiches do erotismo e da sexualidade; signos da vaidade, da paixão e do amor, da fidelidade e da fertilidade. Exposto de múltiplas maneiras, o nu – feminino ou masculino – foi representado de maneira idealizada, simplificada,

desfigurada na corrente evolutiva da arte. E, finalmente, foi auto explorado e objeto de exploração das manifestações artísticas contemporâneas.

4. CONCLUSÕES

Quando me perguntam sobre a pesquisa que desenvolvo sobre o corpo desnudo, escuto, na maioria das vezes, que o tema já foi explorado e que este não é mais um tabu na sociedade atual. Justificam-me dizendo que a publicidade, as produções cinematográficas e as telenovelas tratam desse assunto sem pudores.

De certa forma, concordo com a opinião. Entretanto, procuro mostrar com a investigação que variantes – como o período, o contexto e a cultura local – exercem influência na criação de obras de arte. E, até mesmo em espaços habituados com a nudez corporal, os espectadores surpreendem-se com imagens mais ousadas. Giorgio Agamben (2015, p.100) destaca que “[...] libertar totalmente a nudez dos esquemas que só nos permitem concebê-las de modo privativo e instantâneo é uma tarefa que requer uma lucidez incomum”. Acolhendo o que registrou o autor, recordo-me do recente debate erguido acerca da exposição Queermuseu realizada em Porto Alegre, e que expôs parte das feridas agonizadas pela humanidade.

Sendo assim, ao realizar o levantamento de imagens de corpos despidos, representantes do sentimento de uma época, percebo que essas obras falam mais sobre nós do que sobre os outros. Mostram com maior clareza o comportamento e a reação desconhecida, daquele que observa e se reconhece nu, com a intimidade tão exposta.

A lucidez de que nos fala Agamben, relaciona-se com a nossa capacidade em dialogar com a própria imagem, a qual o artista – corajosamente – comunica-se todos os dias, refletindo sobre sua participação no processo de criação. Essa linguagem do criador pode ser vista como uma conquista de sua humanidade.

Em vista das informações e do conteúdo estudado, considero lúcida a capacidade do homem de libertar-se do que é privado, pelo menos uma vez na vida. Seja através da obra de arte, ao se ver representado nela, seja em sua construção. Em ambos os casos, acredito que o ato de permitir-se viver a experiência artística é um desafio que merece ser pesquisado, sempre.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Leon Battista. **De Re Aedificatoria**. Madri: Akal, 1991.
- AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espaço de experimentação. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- DE FUSCO, Renato. **História da Arte Contemporânea**. Lisboa: Presença, 1988.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Confronting Images**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2005.
- _____. **Diante da Imagem**: questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34, 2013.
- Duchamp**. Colônia: Taschen, 1996.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs.). **Escritos de artistas**: anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FOCILLON, Henri. **Vida das formas**: Seguido de Elogio da Mão. Lisboa: Edições 70, 1988.

FREIRE, Cristina. **Poéticas do Processo**: Arte Conceitual no Museu. São Paulo: Iluminuras, 1999.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOMBRICH, Ernst H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

Grandes Mestres. Gauguin. São Paulo: Abril, 2011.

História da Arte. Rio de Janeiro: Salvat, 1978.

KAPROW, Allan. O legado de Jackson Pollock. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs.). **Escritos de artistas**: anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KLEIN, Yves. Manifesto do Hotel Chelsea. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs.). **Escritos de artistas**: anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MACIUNAS, George. Neodadá em música, teatro, poesia e belas-artes. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Orgs.). **Escritos de artistas**: anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Mestres da Pintura. São Paulo: Abril, 1978.

ORTEGA Y GASSET, José. **Ensaio de estética**. São Paulo: Cortez, 2011.

Os Grandes Artistas: Renoir. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

REYNOLDS, Donald. **A Arte do Século XIX**. São Paulo: Zahar/Círculo do Livro, s/d.

Rome, autrefois et aujourd'hui. Florença: Vision, 1962.

TUCHERMAN, Ieda. Breve história do corpo e de seus monstros. Portugal: Vega, 1999.

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: **História da Vida Privada**. Vol. I: Do Império Romano ao Ano Mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceptos fundamentales de la historia del arte**. Barcelona: Austral, 2014.

WOODFORD, Susan. **A arte de ver a arte**. São Paulo: Zahar/Círculo do Livro, 1983.